

ARTIGO

A domesticação do animal humano em *Assim Falou Zaratustra*: uma análise da virtude que apequena¹

The domestication of the animal human on *Thus Spoke Zarathustra*: an analysis of the virtue that makes small

Matheus Becari Dias

Graduação em andamento em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, PR, Brasil

Resumo: No capítulo intitulado *Da virtude que apequena*, localizado na terceira parte da obra *Assim falou Zaratustra*, Friedrich Nietzsche, por meio do discurso de seu personagem, afirma que o ser humano se tornou e continua a se tornar “menor”, declarando que esse processo de apequenamento é causado pela “doutrina da felicidade e da virtude” que se estabeleceu entre os homens. De acordo com o filósofo, esses “homens pequenos”, na tentativa de alcançar o próprio bem-estar e evitar que qualquer mal seja feito contra si, utilizam-se da educação e da pregação de virtudes modestas para que, desta forma, consigam fazer do ser humano um animal domesticado. Levando em consideração a denúncia de Nietzsche, o presente texto busca esclarecer este trecho demonstrando, primeiramente, qual concepção de virtude está sendo alvo da crítica do filósofo. Em seguida, no segundo momento do texto, a análise se volta para a identificação dos sujeitos que praticam a domesticação do homem, caracterização do homem pequeno. Por fim, no terceiro momento, apresentar-se-á como a educação moral participa de forma efetiva no processo de domesticação da sociedade humana.

Palavras-chave: Nietzsche; Zaratustra; Virtude; Domesticação.

Abstract: In the chapter entitled *Of the virtue that makes small*, located in the third part of the work *Thus spoke Zarathustra*, Friedrich Nietzsche, through the discourse of his character, affirms that the human being has become and continues to become “smaller”, declaring that this process of become small is caused by the “doctrine of happiness and virtue” that was established among men. According to the philosopher, these “little men”, in an attempt to achieve their own well-being and to prevent any harm being done to themselves, use the education and preaching of modest virtues so that they can do so of the human being a domesticated animal. Considering

Nietzsche's denunciation, the present text seeks to clarify this passage by first showing which conception of virtue is being criticized by the philosopher. Then, in the second moment of the text, the analysis turns to the identification of the subjects that practice the domestication of man, characterization of the small man. Finally, in the third moment, it will present how moral education effectively participates in the domestication process of human society.

Keywords: Nietzsche; Zarathustra; Virtue; Domestication.

Introdução

Assim falou Zarathustra é a obra de Nietzsche que marca o início do terceiro período de sua filosofia, na qual o filósofo, segundo Eugen Fink, “encontra sua verdadeira natureza” (1983, p.65). Apesar de o pensamento nietzscheano constituir um grande projeto filosófico, certas mudanças formais, estruturais e estilísticas podem ser notadas em determinadas fases de seus escritos, o que acabou acarretando, entre seus estudiosos, a divisão de sua obra em períodos. Seu primeiro período, que vai desde *O nascimento da tragédia* até a sua *Quarta extemporânea*, é marcado pelo pensamento romântico, pela influência da filosofia de Arthur Schopenhauer e pela música de Richard Wagner. O cientificismo e o estilo aforismático marcam o segundo período de sua obra, iniciado com *Humano, demasiado humano* e encerrado com *A gaia ciência*. Seu terceiro e último período é inaugurado com *Assim falou Zarathustra*, obra em que Nietzsche se distancia mais radicalmente do romantismo e do cientificismo de seus períodos precedentes e passa a operar com maior destaque o conceito de valor em seus textos, além, é claro, de continuar a tratar dos principais temas e problemas que compunham o corpo filosófico de seu pensamento.

Zarathustra surge para Nietzsche como um tipo, e, segundo ele mesmo, “Para compreender esse tipo, é preciso primeiramente ganhar clareza sobre o seu pressuposto fisiológico: o que denomino a *grande saúde*” (NIETZSCHE, 2008, p. 80-81). A grande saúde é apresentada por Nietzsche no aforismo 382 de *A Gaia Ciência*, como um “novo meio” necessário para se alcançar “um novo fim”, isto é:

[...] o ideal de um espírito que ingenuamente, ou seja, sem o ter querido, e por transbordante abundância e potência, brinca com tudo o que até aqui se chamou, santo, bom, intocável, divino; para o qual o mais elevado, aquilo em que o povo encontrou naturalmente sua medida de valor, já não significaria senão perigo, declínio, rebaixamento ou, no mínimo, distração, cegueira, momentâneo esquecer de si; o ideal de bem-estar e bem-querer humano-sobre-humano, que com frequência parecerá inumano, por exemplo, ao colocar-se ao lado de toda seriedade terrena até então, ao lado de toda anterior solenidade em gesto, palavra, tom, olhar, moral e dever, como sua mais viva paródia involuntária [...]. (NIETZSCHE, 2012, p. 259)

Com esse aforismo, pode-se compreender a constituição mais geral da crítica de *Assim falou Zarathustra* à antiga aspiração moderna de avaliar a vida a partir de pretensos valores absolutos. Em resposta, Zarathustra vem anunciar a seriedade terrena em oposição ao perigo gerado pelos ideais metafísicos. O personagem denuncia a moral como uma das barreiras que impedem o ser humano de se autossuperar, e, por efeito, tornam-no cada vez mais doente, fraco, pequeno e alienado de si mesmo. O ser humano moderno, na perspectiva de Nietzsche, encontra-se em uma etapa de mudança de paradigmas e, por conta disso, seu



projeto filosófico visa a realizar uma grande crítica aos valores².

Considerando como chave de leitura o apontamento feito por Scarlett Marton, de que:

O filósofo ocupava-se com conceitos, pré-juízos, sentimentos, em suas considerações sobre a moral, e até podia empregar, eventualmente, o termo 'valor' ou 'apreciações de valor'. Mas é a partir de *Assim falou Zaratustra* que passa a trabalhar com a noção de valor" (MARTON, 2006, p.46).

A análise deste artigo desenvolver-se-á acerca das afirmações de Nietzsche, presentes em seu *Zaratustra*, que dizem respeito à doutrina da virtude dos homens modernos e seus valores, em específico o problema apresentado por Nietzsche no capítulo *Da virtude que apequena* localizado na terceira parte da obra. Esta parte da obra apresenta o momento em que Zaratustra, após todo o tempo em que esteve afastado seguindo seu trajeto, decide retornar à cidade dos homens para verificar como estes estavam. Ao chegar ao seu destino e observar as moradias e as pessoas que lá habitavam, o protagonista "[...] permaneceu parado e refletiu. Por fim disse, com tristeza: 'Tudo ficou menor!'" (NIETZSCHE, 2018, p. 161). Neste trecho, Nietzsche exibe a reação que Zaratustra tem ao se deparar com o que havia se tornado aquele povo. Em reação a tal situação, Zaratustra então profere seu discurso sobre a virtude que apequena. Nela, o personagem constata que, no decorrer do tempo, as pessoas dessa cidade se tornaram pequenas devido à devoção que tinham à doutrina da felicidade e à modesta virtude de que eram adeptos. Essa virtude modesta dos homens, de acordo com o discurso de Zaratustra, é compatível com a conveniência dos fracos, uma forma de proteção para que não sejam prejudicados por alguém. Por fim, Zaratustra conclui que as virtudes louvadas por essas pessoas, como a bondade, justiça e compaixão são reflexos da pura fraqueza e covardia dessas, e que a pregação de tais virtudes acabou por tornar o homem o "melhor animal doméstico do homem" (NIETZSCHE, 2018, p. 163).

Considerando essa denúncia do filósofo sobre a domesticação exercida pelo ser humano sobre si mesmo através de sua doutrina moral, questiona-se por que a virtude dos homens modernos os tornou "pequenos" e como ocorre o processo de domesticação do ser humano. Para trazer uma solução a essas questões, buscar-se-á compreender as concepções utilizadas por Nietzsche do conceito de virtude, para que, desta forma, se possam esclarecer os motivos pelos quais o filósofo realiza sua crítica a determinada compreensão de virtude. Em seguida, após determinado qual conceito de virtude é o alvo de sua crítica, apresentar-se-á a caracterização que Nietzsche faz dos sujeitos que preconizam a "doutrina da virtude" como necessária ao ser humano. Por fim, o artigo busca demonstrar como Nietzsche diagnostica o processo de domesticação humana, para, assim, reconhecer como esse processo acabou se vigorando entre os homens na modernidade.

Sobre as concepções de virtude

Logo em seu primeiro encontro com a comunidade dos homens, após todos os anos em que esteve afastado da cidade, Zaratustra vem anunciar à multidão: "*Eu vos ensino o super-homem*. O homem é algo que deve ser superado" (NIETZSCHE, 2018, p. 12). Apesar do anúncio de Zaratustra aparentar ser a pregação de uma natureza transcendente ou de uma espécie mais elevada de ser humano, o além-

² Essa noção, de modo geral, pode ser compreendida como o questionamento acerca do valor dos valores. Ao questioná-los os valores se mostram apenas criações humanas de determinado período e lugar. Assim, como aponta Marton [...] o valor dos valores está em relação com a perspectiva a partir da qual ganharam existência" (MARTON, 2006, p. 43)

do-homem³, pelo contrário, como explica Scarlett Marton, trata-se simplesmente “[...] de quem organiza o caos de suas paixões e integra numa totalidade cada traço de seu caráter, de quem percebe que seu próprio ser está envolvido no cosmos, de sorte que afirma-lo é afirmar tudo que é, foi e será” (MARTON, 2006, p.58). Por conseguinte, para que se alcance esse estado de existência, Zaratustra afirma ser preciso o desprezo por todas as “esperanças supraterras” que foram durante muito tempo avaliadas com maior valor do que a vida terrena. Para se compreender seu desprezo pelos ideais metafísicos é preciso ter em vista o projeto mais geral do pensamento de Nietzsche: “*Derrubar ídolos* [minha palavra para ‘ideais’] – isto sim é meu ofício.” (NIETZSCHE, 2008, p. 15). Deste modo, o desprezo torna-se parte da libertação dos velhos ideais que falseavam a realidade e condicionavam o ser humano a “[...] adorar os valores *inversos* aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro” (NIETZSCHE, 2008, p. 16). De modo geral, como destaca Deleuze, Nietzsche busca realizar uma filosofia dos valores e seu “problema crítico é o valor dos valores, a avaliação da qual procede o valor deles, portanto, o problema da sua criação” (DELEUZE, 1976, p.4). Desta maneira, a experiência de superação do homem não se limita apenas à negação dos valores vigentes, mas também se faz necessária à criação de novos valores, fundamentados não mais em “trasmundos”, mas sim no “sentido da terra”.

Neste projeto crítico de Nietzsche, o personagem Zaratustra conduz sua jornada tendo em vista a tarefa de defrontar-se com os homens que idolatravam seus ideais como supremos e divinos e ensinar a eles que “Deus está morto”⁴. Como destaca Weber,

Com a morte de Deus, a insuficiência do tipo do homem se torna crônica, pois esse ‘acontecimento’ instaura a forma mais drástica de niilismo -, qual seja, o niilismo da vontade de nada, caracterizado por um pessimismo profundo que tem sua característica mais forte na padronização dos gostos e das vontades e na fraqueza destas. (WEBER, 2011, p.235)

A partir desse cenário, as noções apresentadas sobre felicidade, razão, justiça, compaixão e virtude são investigadas por Zaratustra à luz dos valores que as criaram, isto é, se o critério de sua definição é fundamentado sobre um modelo ideal metafísico ou se é o valor da vida que lhe atribui sentido. Assim sendo, Zaratustra emprega uma inversão do sentido tradicionalmente dado às coisas e anuncia um novo significado a elas. Com efeito, a ideia de virtude defendida por Zaratustra é a da “[...] vontade de declínio”, de ser “uma flecha de anseio” (NIETZSCHE, 2018, p. 15). As figuras do “declínio” e da “flecha” caracterizam o movimento de passagem do estado atual do ser humano para sua superação, pois, assim como Zaratustra ensina a todos, “O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem” (NIETZSCHE, 2018, p. 14). Dessa forma, a virtude anunciada por Zaratustra é a característica do homem que anseia pela superação de si mesmo, que busca dar seu próprio sentido para a sua existência.

Contudo, a virtude ensinada por Zaratustra não é a que se encontra entre os homens modernos. Estes são ainda seguidores de “sábios de cátedras”, que pregam quais virtudes são necessárias para o seu “bom sono” (cf. NIETZSCHE, 2018, p. 27); de “trasmundanos”, que escarnecem o mundo terreno em detrimento de um

3 Opta-se aqui pela tradução de *Übermensch* como “além-do-homem”, diferentemente da tradução apresentada por Paulo César de Souza (2018) de “super-homem”. Tenta-se com isso evitar o comum equívoco de associar o significado do *Übermensch* nietzscheano a um determinado tipo de ser humano com “super” capacidades.

4 Ideia expressa por Nietzsche no aforismo 125 de *A Gaia Ciência*, no qual, a morte de Deus é anunciada por um louco que gritava no mercado: “Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!” (NIETZSCHE, 2012, p. GC III, 125). A morte de Deus possui diversos aspectos interpretativos, como mostra Didier Franck (2005), mas, de modo geral, essa ideia representa na obra de Nietzsche o cume do niilismo europeu, onde a crença no Deus cristão perdia os seus créditos e, com isso, o fundamento da moralidade cristã.



mundo metafísico que está para além desta vida (cf. NIETZSCHE, 2018, p. 29); dos “desprezadores do corpo”, que louvam e cultivam a alma ao mesmo tempo que negam e suprimem o corpo e tudo que dele advém; e de outras figuras que representam para Zaratustra a doença, fraqueza e apequenamento do ser humano diante da vida (cf. NIETZSCHE, 2018, p. 32).

A admiração de Zaratustra está voltada ao oposto do modo de vida doente, fraco e pequeno: ele busca a virtude que nasce das paixões do indivíduo e não da “razão de todos” (NIETZSCHE, 2018, p.35). Em outras palavras, Nietzsche abomina as doutrinas que prescrevem deveres morais a seus seguidores e suprimem suas paixões, pois, desta forma, o povo torna-se um rebanho guiado por seu ídolo, seja este um pastor, sacerdote, professor, ou uma instituição, como no caso do Estado. Para se alcançarem estágios mais altos de si mesmo é preciso que haja primeiramente ambição e coragem para o sujeito poder desprezar os antigos valores e suportar a inveja e ódio que tal atitude causaria nos demais que o cercam. Por consequência, a solidão torna-se a nova maneira de viver daquele que almeja transformar-se no criador de sentido de sua própria existência. Assim, o caminho da superação de si mesmo representa a oposição de Zaratustra à forma de vida em rebanho, sendo que somente na solidão as paixões podem dar à luz novas “virtudes e alegrias” (NIETZSCHE, 2018, p. 35).

Apesar de ser necessária a solidão para dar origem a “virtudes mais altas”, Nietzsche deixa bem claro no último capítulo da primeira parte, intitulado *Da virtude dadivosa*, que seu ensinamento não implica um ato de egoísmo doente, mas sim de um egoísmo sadio. Zaratustra esclarece o ato de criação proveniente do egoísmo sadio da seguinte maneira: “Obrigais todas as coisas a ir para vós e estar em vós, para que venham a refluir da vossa fonte como dádivas do vosso amor. Em verdade, ladrão de todos os valores se tornará esse amor dadivoso; mas eu declaro sadio e sagrado esse egoísmo” (NIETZSCHE, 2018, p. 71). Diferentemente do egoísmo sadio, o egoísmo pobre e doente “[...] olha para tudo que brilha; com a avidez da fome mede aquele que tem bastante de-comer; e sempre se avizinha furtivamente da mesa dos que dão” (NIETZSCHE, 2018, p. 71). Desta forma, o egoísmo sadio representa o modo ativo de se criarem valores. Por meio de seu “amor”, este se apropria dos valores e, a partir destes, afirma em suas virtudes seu próprio caminho. Suas virtudes simbolizam a elevação de si, visando a além daquilo que lhe é meramente agradável e satisfatório. Por outro lado, o egoísmo doente representa o modo reativo de valorar e suas virtudes têm por finalidade única e exclusivamente o próprio bem-estar, cobiçando aquilo que os benfeitores têm para lhe oferecer, [...] “é o senso degenerante, que diz: ‘Tudo para mim’” (NIETZSCHE, 2018, p. 72).

Por meio desta análise da primeira parte de *Zaratustra*, a discussão que Nietzsche propõe começa a demonstrar o grande contraste que há entre o conceito de virtude que o autor está criticando e a concepção que está a defender. No capítulo denominado *Dos virtuosos*, da segunda parte da obra, Nietzsche expõe algumas das diversas significações dadas ao conceito de virtude a partir das perspectivas que as avaliam. Assim, Zaratustra afirma que: há aqueles que colocam recompensa e castigo no fim de todas as coisas e buscam com sua virtude a sua recompensa; há aqueles para os quais a virtude é o agir sob a autoridade de algo que o domina e o castiga; outros que chamam o seu próprio desejo de vingança de virtude ou justiça; também há aqueles que não atacam e não querem ser atacados e a isso chamam virtude; outros que se utilizam da concepção de virtude para atingir uma posição acima dos demais. Essas e outras formas de significação da virtude são vistas por Zaratustra como mentiras e tolices. O seu ensinamento aos sujeitos que compreendem a virtude a partir de tais finalidades é de que não há um “tesoureiro pagador” no fim da vida, mas que “[...] no fundo das coisas foram mentirosamente introduzidos a recompensa e o castigo — e agora também no fundo de vossas almas [...]” (NIETZSCHE, 2018, p. 89). Nesse discurso, Zaratustra não interroga essas

significações a partir de um conhecimento que ele detém sobre a virtude mesma. O que o personagem busca é o cansaço, o desprezo pelas ideias de “recompensa”, “retribuição”, “castigo”, “vingança com justiça”, além da ideia de que “[...] ‘Para uma ação ser boa, é preciso ser desinteressada’” (NIETZSCHE, 2018, p. 91). Zaratustra ensina que a virtude é “ser vós mesmos e não algo alheio, uma pele, uma coberta” (NIETZSCHE, 2018, p. 90). Assim sendo, todas as abordagens feitas por Nietzsche acerca do conceito de virtude continuam a seguir o projeto inicial de Zaratustra de superação do homem por meio do desprezo dos velhos valores e da criação de um novo sentido voltado à terra, ao corpo e às paixões.

Apresentado esse breve panorama da crítica de Zaratustra aos valores e, em especial, ao sentido moral empregado à existência, pode-se constatar que, de modo geral, Nietzsche caracteriza as diversas significações do conceito de virtude de duas maneiras bem opostas. De um lado estão as concepções metafísicas, caracterizadas por uma teleologia transcendente de redenção, salvação e recompensa, determinadas sempre por um valor supraterrâneo, seja este Deus, além-mundo ou espírito. Estas virtudes são, em grande parte, ensinadas por sacerdotes, pastores e sábios que, para Zaratustra, exercem uma função apequenadora e enfraquecedora do potencial humano de se autossuperar, afastando-o de si mesmo, de seu corpo, de suas paixões e do sentido da realidade terrena. De outro lado, está a concepção de virtude ensinada por Zaratustra: esta tem por fundamento o projeto de superação do homem e da tradição de valores. Exatamente por isso, Zaratustra anuncia que a natureza da virtude forte e sadia são as paixões do indivíduo que cria a partir do sentido de sua própria existência, não à maneira de um egoísta doentio, mas sim de um egoísta que reconhece a si mesmo em suas ações e não somente a razão alheia. Aquele que tem a “grande saúde” consegue determinar o sentido de sua existência na vida terrena, mesmo com todas as adversidades que esta apresenta, sem a necessidade da esperança e um paraíso de recompensas ou de uma vida de felicidade eterna.

Os homens pequenos

Ao compreender a dupla caracterização que Nietzsche faz do conceito de virtude, torna-se mais evidente o motivo pelo qual Zaratustra constata em seu “discurso sobre a virtude que apequena” que a doutrina da virtude e da felicidade tornou o homem menor. O objetivo de vida desse tipo de homem é somente o bem-estar e a ausência de sofrimento, sendo que encontra nestes objetivos a sua felicidade. Por conta disso, a bondade, a justiça e a resignação acabam sendo definidas como virtudes, porém, Nietzsche vê nessa forma de significação o reflexo da covardia destes homens, que por não possuírem a saúde e coragem necessárias para enfrentar aquilo que os ataca e os domina, pregam que para ser virtuoso é preciso ser medíocre em suas vontades. A mediocridade que Nietzsche está apontando no pensamento moderno é explicado por Fink da seguinte forma:

O homem, o ser vivo, que tem a possibilidade de manter de fora, no espaço do mundo, de conhecer e de pensar a infinitude, pode outrossim amesquinhar-se; a mediocridade concebe-a Nietzsche como atrofia da relação para com o mundo. Se o homem se estabelece no que está mais próximo e mais perto, se ele se limita ao infinito e ao actual, se ele já não quer senão o pequeno prazer, o conforto e o contentamento, se ele se tornou fraco e domesticado, é porque o vasto espaço do mundo não palpita através da sua vida, nenhum desejo o impele para o que é imenso: a “virtude que apequena” é um sinal da pobreza da existência na sua relação para com o mundo. (FINK, 1883, p.100)

É o próprio modo de existência do homem moderno, sua visão de mundo e objetivo de vida que produziram a virtude que apequena. O exame de Nietzsche



direciona-se exatamente para a caracterização psicofisiológica⁵ do ser humano e, a partir dessa tipologia existencial, o filósofo estabelece o caráter dos valores criados. Essa tipologia de Nietzsche é esclarecida por Deleuze da seguinte maneira:

As avaliações, referidas a seu elemento, não são valores, mas maneiras de ser, modos de existência daqueles que julgam e avaliam, servindo precisamente de princípios para os valores em relação aos quais eles jugam. Por isso temos sempre as crenças, os sentimentos, os pensamentos que merecemos em função de nossa maneira de ser ou de nosso estilo de vida. Há coisas que só se pode dizer, sentir ou conceber, valores nos quais só se pode crer com a condição de avaliar ‘baixamente’, de viver e pensar ‘baixamente’. Eis o essencial: *o alto e o baixo, o nobre e o vil* não são valores mas representam o elemento diferencial do qual deriva o valor dos próprios valores (DELEUZE, 1976, p.4).

Em consequência, o elemento diferencial da virtude que apequena são os homens pequenos, que, nas palavras de Nietzsche, “Redondos, corretos e bondosos são eles uns com os outros, tal como grãos de areia são redondos corretos e bondosos uns com os outros” (NIETZSCHE, 2018, p. 163). A maneira de ser desses homens é frágil: não querem ter suas opiniões afrontadas e, por isso, objetam com: “Ainda não temos tempo para Zaratustra” (NIETZSCHE, 2018, p. 162). O louvor desse tipo de homem assemelha-se ao egoísmo doente, “o louvador se porta como se retribuísse, mas, na verdade, quer receber mais!” (NIETZSCHE, 2018, p. 162). Com essa avaliação de Zaratustra, o homem pequeno acaba por se tornar apenas mais uma entre as figuras retratadas em *Zaratustra* que são opostas ao tipo forte e sadio, porém, Nietzsche destaca:

Mas há muita mentira entre as pessoas pequenas. Alguns deles querem, mas a maioria é apenas objeto do querer. Alguns deles são autênticos, mas a maioria é de maus atores. Há atores sem o saber entre essas pessoas, e atores sem o querer —, os autênticos são sempre raros, em especial os atores autênticos. (NIETZSCHE, 2018, p. 162)

Ao apontar a grande hipocrisia que há entre os homens pequenos, Nietzsche identifica que há uma relação de poder entre esse tipo de indivíduos que os distingue entre outros dois tipos: aqueles que mandam e os que servem. Os dominantes valem-se da falsa identificação que estabelecem com o povo, simulando suas virtudes com: “‘Eu sirvo, tu serves, nós servimos’ — assim também reza, aqui, a hipocrisia dos dominantes — e que infelicidade, quando o primeiro senhor é *apenas* o primeiro servidor!” (NIETZSCHE, 2018, p. 163). Nietzsche reconhece nesses homens a sagacidade de suas ações, mas também reconhece a sua falta de força e coragem que, por consequência, determina o meio pelo qual essas pessoas exercem seu poder sobre as demais - “Para elas, virtude é o que torna modesto e manso: com ela transformaram o lobo em cão, e o próprio homem, no melhor animal doméstico do homem.” (NIETZSCHE, 2018, p. 163).

O que Nietzsche está combatendo com essa denúncia não é a opressão dos dominantes sobre os oprimidos, nem mesmo a “maldade” que há em iludir os outros através do uso do poder. Seu trabalho objetiva, assim como o de um psicólogo, realizar um diagnóstico de seu paciente, no caso, a cultura ocidental. O problema principal ao qual Nietzsche se dedica, em *Zaratustra*, refere-se aos valores morais que se consolidaram no decorrer da história ocidental como absolutos e necessários ao ser humano. Seu trabalho genealógico⁶ remete à origem dos valores

5 Este termo é aqui utilizado para indicar a junção que Nietzsche realiza em sua análise entre os aspectos psicológicos (paixões, vontades, sentimentos) e fisiológicos (saúde e doença, força e fraqueza) dos sujeitos para os quais sua crítica está voltada.

6 A genealogia é uma investigação realizada sobre a história do comportamento humano, prática herdada dos moralistas franceses, que visa a relacionar os valores com as avaliações que lhes originou e estas com seus valores passados pelo crivo da vida. Nas palavras de Scarlett Marton: “[...] submeter ideias ou atitudes ao exame



com o objetivo de demonstrar que estes são criados por seres humanos, que, por sua vez, já possuem um repertório de outros valores e a partir dos quais determinam seus próprios critérios de avaliação da vida. Ao desmistificar todo esse processo, Nietzsche inevitavelmente aponta para as consequências geradas ao ser humano por conta da cega devoção a valores pretensamente válidos universalmente. Uma dessas consequências é a domesticação exercida sobre o ser humano por meio da educação moral dos sujeitos, que os afasta da compreensão da totalidade da vida e os restringe a somente vislumbrar os pequenos prazeres.

A domesticação do animal humano

A crítica nietzscheana aos valores humanos torna necessária a reavaliação das concepções morais que deles derivam. Deste modo, a educação também passa pelo crivo do filósofo, como aponta Weber:

O tratamento dado por Nietzsche à educação inova pois considera que a referência à moral também implica, num sentido bastante largo e abrangente, a referência à educação. Afinal, não são as práticas educacionais, formais ou não, práticas de gestação, fortalecimento e propagação de valores? Não é a educação a responsável pelo fortalecimento da moralidade dos costumes? E como tais valores não são ‘em si’, o estudo daquilo que se chama educação revelará uma faceta particular da história das práticas de criação, constituição e proliferação dos valores. (WEBER, 2011, p.197)

Ao considerar a educação como uma das formas de disseminação de valores e, por consequência, uma forte ferramenta de dominação moral sobre os homens, em alguns momentos de sua obra, Nietzsche se dedica exclusivamente a esse tema. No caso do capítulo *Da virtude que apequena* de *Zaratustra*, Nietzsche direciona sua investigação diretamente à doutrina da virtude do homem moderno, entretanto, ao identificar que entre os devotos desta conduta de vida apequenadora há aqueles que são criadores de valores e aqueles que aprendem seus valores com esses mestres. Assim, Nietzsche inevitavelmente analisa o processo de domesticação a partir de seu aspecto educacional. Tendo isso em vista, colocam-se aqui as seguintes perguntas: 1. Quem, afinal, são esses mestres criadores de valores? 2. Como a educação torna possível a domesticação do ser humano? 3. Qual é a proposta de solução dada por Zaratustra em oposição a esse projeto de apequenamento?

Em relação à primeira pergunta, vale lembrar que no decorrer de *Zaratustra* diversos personagens são exibidos por Nietzsche como representações de determinadas personalidades do homem moderno. Entre eles, há aqueles que são seguidores e aprendizes de alguns homens e há aqueles que são mestres dos demais. Entre os homens do segundo tipo estão os pastores, conhecedores da verdadeira fé; os sábios de cátedra, professores das virtudes necessárias ao homem; e os pregadores da morte, que ensinam que a negação desta vida é fundamental para se alcançar a vida pós-morte. Nietzsche traz com estas representações os agentes que compõem o corpo estrutural de formação do homem moderno, isto é, em sua perspectiva, a classe sacerdotal judaico-cristã. Essa identificação torna-se mais clara quando Zaratustra fala sobre os “mestres da resignação”:

E, quando eu grito: ‘Maldizei todos os covardes demônios em vós, que gostam de choramingar, juntar as mãos e rezar’, então eles gritam: ‘Zaratustra é sem-deus’. E especialmente seus mestres da resignação gritam isso —; mas justamente a esses eu amo gritar no ouvido: ‘Sim, sou Zaratustra, o sem-deus!’. Esses mestres da resignação! Onde quer que seja pequeno, doentio e sarnento eles se enfiam, como piolhos; e apenas meu

genealógico é o mesmo que inquirir se são signos de plenitude da vida ou da sua degeneração; avaliar uma avaliação, enfim, significa questionar se é sintoma de vida ascendente ou declinante. (MARTON, 2006, p.52)



nojo me impede de esmagá-los. (NIETZSCHE, 2018, p. 164)

A descrição e o simbolismo utilizado por Nietzsche neste trecho identificam os criadores de valores, os quais detêm o domínio sobre os demais homens, com a classe sacerdotal. Assim, ao denunciar a desonestidade dos dominantes, Nietzsche está apontando para a falsa imagem criada pelo clero de que todos são igualmente servos de uma mesma causa – neste caso, Deus –, apesar de haver o controle desta classe sobre aquela. Sobre esse ponto, Sloterdijk analisa da seguinte maneira:

Nietzsche, com sua desconfiança contra toda a cultura humanista, insiste em arejar o mistério da domesticação do gênero humano e quer nomear explicitamente os que até agora detêm o monopólio de criação – os padres, professores, que se apresentam como amigos dos homens –, e quer trazer à luz sua função oculta, desencadeando uma disputa inovadora, no âmbito da história mundial, entre os diferentes criadores e os diferentes projetos de criação (SLOTERDIJK, 2000, p.40-41)

Tendo em vista que a domesticação humana é a efetivação de um projeto humanista, a educação, entendida como um meio, tem o seu conteúdo ditado pelo ideal do homem manso e modesto. Com essas observações, busca-se responder à segunda questão colocada anteriormente, sobre a maneira pela qual a educação possibilitou a domesticação humana. Os valores disseminados são incorporados pelo povo até se tornarem um dogma, uma doutrina. É nesta condição que Zaratustra encontra o homem pequeno quando chega à cidade. Sua formação se consolidou a tal a ponto que já não conseguem ter ouvidos para o que Zaratustra tem a lhes dizer. A educação moral passa a constituir o modo de ser desses homens, ensinando-os a viver em uma sociabilidade doméstica, onde todos buscam o próprio bem-estar. Para que assim seja, é necessário que os homens não façam mal uns aos outros, e, por isso, devem aprender desde cedo que a bondade, a justiça e a compaixão são suas virtudes, e que os prazeres e os vícios devem ser censurados.

Mas afinal, o que Zaratustra propõe diante desse projeto de domesticação do animal humano?

Muito bem! Eis a minha prédica para os *seus* ouvidos: eu sou Zaratustra, o sem-deus, que diz ‘quem é mais sem-deus do que eu, para desfrutar de seu ensinamento?’. Eu sou Zaratustra, o sem-deus: onde posso encontrar meus iguais? São meus iguais todos aqueles que dão a si mesmos sua vontade e se desfazem de toda resignação. (NIETZSCHE, 2018, p. 164)

Criar valores a partir de suas próprias paixões, afirmar o sentido da vida mediante a afirmação de si mesmo, não se desviar do sentido da terra por realidades metafísicas ilusórias, todos esses ensinamentos constituem as características da saída nietzscheana para o problema da cultura moderna. Ainda que Zaratustra reconheça que o homem moderno não tem ouvidos para seus ensinamentos, ele grita ao povo pequeno a situação em que eles se encontram e lhes anuncia o “grande meio-dia”⁷. A descrença de Nietzsche no homem moderno se deve ao fato de que o próprio filósofo vê sua filosofia como uma primeira mensagem de um tempo que ainda virá. Zaratustra não é um profeta de tempos melhores, mas sim a superação do moralista – Zaratustra é um imoralista. E com imoralista, Nietzsche quer dizer que nega

7 Em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche refere-se ao “meio-dia” como o momento em que “Abolimos o mundo verdadeiro” e questiona: [...] que mundo restou? o aparente, talvez?... Não! Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!” (NIETZSCHE, 2017, p. CI, “Como o ‘mundo verdadeiro’ finalmente se tornou fábula”). O Grande meio-dia, portanto, representa o fim da visão dualista de mundo (mundo sensível e mundo inteligível), ou seja, o momento em que a visão platônica e judaico-cristã dão lugar a uma visão imanente da vida, “fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCIPIIT ZARATUSTRA [começa Zaratustra]” (NIETZSCHE, 2017, p. CI, “Como o ‘mundo verdadeiro’ finalmente se tornou fábula”).

[...] por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, os *bons*, os *benévolos*, os *benéficos*; nego, por outro lado, uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio como moral em si – a moral de *décadence*, falando de modo mais tangível, a moral *cristã*. (NIETZSCHE, 2008, p. 104)

Considerações finais

De forma bem sintética, a análise presente neste artigo buscou demonstrar, a partir do capítulo *Da virtude que apequena*, de *Assim falou Zaratustra*, como o pensamento mais geral da filosofia nietzscheana se desdobrava sobre o conceito de virtude. A constatação de que o apequenamento se configura como um projeto de humanidade é aqui tomada como guia para a presente análise de sua obra. O ensinamento acerca da domesticação do “animal humano” traz consigo a desconstrução dos valores considerados pela tradição ocidental como absolutos, o ataque aos fundamentos metafísicos da ideia de Deus, alma e além-mundo. Deste modo, a denúncia do filósofo visa a reavaliar os valores metafísicos em comparação aos valores terrenos, isto é, identificar na vida terrena, passional e carnal, a perspectiva adotada por aquele que se apresenta como forte, grande e sadio em contraste com as ilusões e fantasias adotadas pelo fraco, pequeno e doente.

Tendo por base as críticas e os ensinamentos do personagem Zaratustra apresentados nas primeira e segunda partes da obra, chega-se à interpretação de que Nietzsche distingue as diversas concepções de virtude de duas principais formas: as virtudes que enfraquecem, adoecem e apequenam o homem e as virtudes que o levam rumo à sua superação. Com a formulação desta distinção em sua primeira parte, a presente pesquisa volta-se à compreensão desta tipologia apresentada por Nietzsche. A partir disso, compreende-se que os valores concebidos aos diferentes conceitos de virtude são referenciados por Nietzsche ao tipo existencial que os avaliou, ou seja, que tipo de ser humano concebeu o valor a tais conceitos, a partir de quais medidas e com quais objetos e finalidades. Portanto, a tipologia de forte e fraco, sadio e doente, pequeno e grande, não diz respeito aos valores, mas sim a quem determina os valores. Deste modo, a “virtude que apequena” é assim definida por Nietzsche, pois se trata de uma concepção produzida pelo tipo de homem pequeno.

Assim, chega-se à segunda parte da pesquisa, na qual, o homem pequeno é caracterizado por Nietzsche como o homem covarde e medíocre, que criou para si a “doutrina da virtude e da felicidade” com a finalidade de se proteger de quem pode exercer poder sobre ele, evitar que lhe façam mal, para que assim possa alcançar o seu tão almejado bem-estar. Porém, como descrito na terceira parte deste artigo, Zaratustra denuncia que até mesmo entre esses homens há também uma relação de dominação, os que criam os valores a serem seguidos e os que são por eles criados. Esta relação é descrita por Nietzsche como uma domesticação do ser humano. A educação moral submete os homens à vontade de uma classe sacerdotal que os ilude a pensar que são seus iguais, porém são por eles dominados e criados. O processo de criação se desenvolve pela incorporação de determinados valores, ensinados através de concepções definidas como virtudes e felicidade, que acabam tornando-se um modo de vida desses homens. Contudo, esse tipo de formação segue o caminho oposto ao da superação do homem: ela aliena o sujeito de sua capacidade de significação da própria existência impondo-lhe uma espécie de cabresto direcionado ao ideal de bem-estar.

Deste modo, chega-se à conclusão de que o combate principal de Nietzsche é o da desmistificação dos ideais de vida do homem moderno. A visão religiosa e/ou metafísica da existência acabou tirando o sujeito do rumo de sua superação,



tornando todos os seus adeptos seguidores de uma mesma perspectiva sobre o valor da existência, isto é, viver para se alcançar a vida ideal, seja esta uma vida eterna pós-morte ou uma vida terrena livre de sofrimentos. Aos olhos de Nietzsche, isso tudo não passa de uma grande fantasia criada sobre o mundo por aqueles que não conseguem, por conta de sua própria constituição de ser, enfrentar com força e coragem as adversidades, frustrações e dores que a vida lhes impõe e, por isso, inventam para si outro mundo ou um ídolo, no qual depositam todas as suas esperanças e expectativas de vida. Ao sujeito que assume o papel de criador de seu próprio destino, o sentido da existência não se apresenta como algo fechado e fixado, nem mesmo o “ideal de bem-estar” lhe serviria como uma finalidade, mas, pelo contrário, seu horizonte de significação e valoração da vida se mantém aberto à sua “abundante potência”.

Correspondência: Matheus Becari Dias. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445 Km 380, Campus Universitário. CEP: 86057-970, Londrina, PR, Brasil. E-mail: mabecari@outlook.com

Apoio financeiro: CNPq

Conflito de interesses: Nenhum.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida à Revista Em curso

Bibliografia

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FINK, Eugen. **A Filosofia de Nietzsche**. Tradução de Joaquim L. Peixoto (*Nietzsches Philosophie*, Berlin, 1960), Lisboa: Presença, 1983.

FRANCK, Didier. As mortes de Deus. Tradução: Alexandre Filordi de Carvalho. **Cadernos Nietzsche**, n°19, 2005, p.7-42.

MARTON, Scarlett. **A transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

_____. **Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

_____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

WEBER, José F. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche**. Londrina: Eduel, 2011.

Recebido em: 17/mar/2020 – Aceito em: 03/ago/2020